

## Um professorar alfabetizador e o cuidado de si: reflexões a partir do estágio

### The literacy teacher and the care of the self: some thoughts on teaching internship

### Un profesor alfabetizador y el cuidado de sí: reflexiones a partir de la pasantía

Ana Maria Xavier da Silva Neta<sup>1</sup>

Monica Silva Aikawa<sup>2</sup>

Mônica de Oliveira Costa<sup>3</sup>

Caroline Barroncas de Oliveira<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente artigo compõe a temática a partir de um processo de Iniciação Científica de uma professora em sua formação inicial que tem como pergunta mobilizadora um convite a pensar: De que modo(s) a ferramenta foucaultiana do cuidado de si afeta o movimento formativo inicial de um processo alfabetizador no processo de estagiar? Estando alinhado à filosofia da Diferença – em especial, O Cuidado de Si, em Michael Foucault –, o estudo coloca sob suspeita as fixações dos conceitos de alfabetização já tão naturalizados no campo da educação. Os achados da pesquisa se materializam na constituição de uma docência alfabetizadora que é preenchida pelo incomum, incerto e inventivo.

**Palavras-chave:** Alfabetização; cuidado de si; estagiar.

**Abstract:** This article idea arises from a scientific initiation project conceived by a trainee teacher. The project has the following question as its driving force: How can the *care of the self* affect the training of a literacy teacher during their internship period? This study is based on the Philosophy of Difference, particularly on Michel Foucault's *care of the self*, and problematizes some fixed conceptions of literacy in the educational field. The research findings materialize in the constitution of a literacy teaching filled with unusuality, uncertainty, and inventiveness.

**Keywords:** Literacy; care of the self; teaching internship.

**Resumen:** Este artículo surge a partir de un proyecto de iniciación científica ideado por una profesora en formación. El proyecto tiene la siguiente pregunta como motor impulsor: ¿cómo afecta el concepto del Cuidado de Sí a la formación inicial de un alfabetizador en fase de prácticas? Alineado con la Filosofía de la Diferencia, en especial con el Cuidado de Sí de Michel Foucault, el estudio pone bajo sospecha las fijaciones de las concepciones de alfabetización en el campo de la educación. Los hallazgos de la investigación se materializan en la constitución de una docencia alfabetizadora llena de lo inusual, lo incierto y lo inventivo.

**Palabras clave:** Alfabetización; cuidado de sí; prácticas.

### Ideias de alfabetização: apontamentos teóricos

A alfabetização sempre esteve presente em diversos momentos de minha existência. Quando pequena, vi que há diversas formas de linguagens no mundo ao nosso redor, como

<sup>1</sup> Instituto do Estado do Amazonas - UEA

<sup>2</sup> Instituto do Estado do Amazonas - UEA

<sup>3</sup> Instituto do Estado do Amazonas - UEA

<sup>4</sup> Instituto do Estado do Amazonas - UEA

linguagens visuais (em desenhos animados), música (em clipes e *streamings*) e escritas (em embalagens, placas e *outdoors*). Mesmo quando não estávamos na escola, praticávamos nas mais diversas brincadeiras, como caça-palavras, “abecedário”, nos rabiscos em paredes e folhas soltas, entre outras que fazem parte de nossas memórias da infância, quando ainda éramos protagonistas em um processo de alfabetização próprio. Isso se torna um motivo para o ingresso na graduação de Licenciatura em Pedagogia.

Iniciando o curso de Pedagogia, a alfabetização continuou como objeto de maior curiosidade para estudos teóricos, mas observamos que as disciplinas específicas que tratam sobre esse conteúdo seriam após os fundamentos básicos da área de educação, e isso demoraria a acontecer no curso. Com esse desejo de entender sobre a alfabetização e suas ideias, senti uma necessidade de estudar, de maneira mais aprofundada, algo que sempre souo como música quando criança ao ser cantado o alfabeto para professora. Naquele momento, entendia-se socialmente alfabetização como o domínio do alfabeto; se soubesse “cantar” as 26 letras que o compõe, era tida como uma criança alfabetizada.

Então, os estudos teóricos sobre o tema nos atravessam na iniciação científica e grupo de estudo e pesquisa, oportunizando uma rememoração de ideias de alfabetização que nos habitavam anteriormente e ainda nos chamando atenção que a alfabetização vai além da tentativa de decodificação de letras, palavras, sons e formas.

No contato com os autores da área, começamos com Magda Soares (2004) expondo de maneira cronológica a compreensão de alfabetizado no Brasil. Segundo a autora, até a década de 1940 considerava-se como alfabetizada a pessoa que soubesse escrever/transcrever o próprio nome e, após dez anos, alfabetizado era aquele que lia e interpretava um bilhete ou carta pequena. Nas décadas seguintes, a autora destaca uma transição entre os métodos “tradicionais” de alfabetização e os que entendiam a criança como sujeito ativo de sua aprendizagem, fato que representa uma aproximação com o caminho do letramento. Torna-se necessário destacar que a autora diferencia os termos: letramento envolve a imersão de crianças na cultura escrita, seu envolvimento com a leitura e a escrita a partir de diversos tipos/gêneros escritos; e alfabetização inclui “consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema-grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita” (SOARES, 2004, p. 15). Evidencia, ainda, uma validação ao pensar em conciliação de ambos nos processos de aprendizagem da língua escrita, pois a entrada da criança no mundo da escrita ocorre pelos dois processos e lança uma crítica a radicalismos quanto ao ensino de elementos grafofônicos

quando contribuem para dicotomia entre alfabetização e letramento, ressaltando isso como equívoco.

Além dessa ideia de alfabetização na perspectiva do letramento de Soares, também estudamos Emília Ferreiro (2011), a qual critica que “tradicionalmente alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de maturidade ou de prontidão da criança” (p. 13), pois “o processo de alfabetização nada tem de mecânico do ponto de vista da criança que aprende” (p. 11). Para os autores, as relações criadas pelas crianças com a leitura e a escrita se desenvolvem em seus diversos meios culturais que, do ponto de vista construtivo, começam com uma diferenciação entre escrita e desenho e seguem com seu processo de fonetização de escrita, assim como a descoberta das partes da escrita (letras), da palavra escrita (sílabas) e seus sons. Ferreiro preza pelo enriquecimento da imagem da língua escrita como sistema de representação da linguagem e da imagem de criança que aprende enquanto sujeito cognoscente, pensante, vivo, por isso a necessidade de um repensar desta prática alfabetizadora para além de cópias de modelos externos. Assim, o olhar do professor precisa voltar-se ao sujeito aprendente.

Esse olhar frente ao aprendente nos faz pensar em Paulo Freire (1996) que, entre outras questões, trata de alfabetização no livro “Pedagogia da autonomia” e diz que a postura no ato de ensinar precisa trazer para dentro de sala os valores, as realidades, as experiências de vida. Isso precede um abandono do conservadorismo nas aulas, exige a postura de um educador crítico e comprometido com a educação libertária. O autor destaca como essencial ensinar de modo que os educandos se sintam livres para descobrir outras maneiras de aprender, com autonomia e constituindo sua cidadania. Assim, Freire nos chama atenção a um processo alfabetizador apoiado nos saberes e realidades concretas dos aprendentes, articulados a atos políticos, à cidadania. Alfabetizar torna-se uma experimentação intensa e dialética entre “a leitura de mundo” e a “leitura da palavra” (FREIRE, 1989).

Magda Soares, Emília Ferreiro e Paulo Freire são referências ao falar de alfabetização no Brasil, principalmente, no meio acadêmico na área da Educação. Suas experiências e pesquisas remontam à alfabetização por um processo de relação com o mundo, construção de uma leitura que vai além das letras desconexas e memorizadas em meio a modelos ditos mais tradicionais e com o letramento expresso de modo direto ou indireto como possibilidade nos processos formativos de leitores e escritores. Dessa forma, os autores extrapolam a visão alfabetizadora de mãos que precisam aprender a segurar o lápis, treinos de aparelho fonador para emissão de sons e exploram: é preciso movimentar o sujeito aprendente com o mundo,

inserir-los na cultura escrita, em vivências com a leitura, incluindo-o como central nessa relação, de modo que a alfabetização e letramento constituam-se enquanto conceitos diferentes, mas próximos nas práticas pedagógicas com leitura e escrita na escola. Todos eles concordam que a alfabetização supera a ideia de memorização e decodificação de grafemas sem sentido para o aprendiz, como se era pensado ao cantar o alfabeto “corretamente”, em ordem crescente e decrescente, reduzindo a ideia de alfabetização a isso. Agora começamos a perceber as perspectivas entre os autores, que em suas particularidades seja nos atos alfabetizadores com adultos trabalhadores ou crianças, remetem à ideia de letramento alinhada a esses atos e questionam os métodos tradicionais de ensino da leitura e escrita. Assim, iniciamos uma caminhada para compor uma imagem de alfabetização que transmutasse com a concebida, de forma consciente e encarnada no corpo do sujeito aprendiz, que não fosse totalizante, mas sim singularizada.

Em um dado momento, permeado pelo processo de iniciação científica no grupo de pesquisa, nos deparamos também com leituras foucaultianas e pensamos a alfabetização sob a luz da filosofia da diferença. O desafio do estudo sobre alfabetização foi atravessado pelo cuidado de si enquanto técnica de subjetivação e práticas de si (FOUCAULT, 2010).

Existem três fases das obras de Foucault e a terceira fase se dedica mais à subjetivação e visa a filosofia como um estilo de vida. É o momento no qual se rediscute a ética como um campo desvinculado da moral. Essa fase trata de um retorno transversal à cultura greco-romana (temas do uso dos prazeres e a técnica de si) e nos últimos anos de sua vida ele se dedicou ao estudo dos dois primeiros séculos da Antiguidade, o qual foi considerado como a era de ouro do cuidado de si.

Nesse cuidado, a *pratique de soi* alude às formas de subjetivação, na qual se buscou a compreensão de processos de constituição da existência do sujeito para si mesmo e em sua relação com o mundo, ou seja, voltar o olhar do homem para si mesmo, retornar a si.

Foucault (2010) evidencia a existência de uma tensão entre o “conhece a ti mesmo” na tradição ocidental em que se busca uma verdade e o “Cuidado de Si”, no qual há uma prática da verdade. O cuidar de si foucaultiano é um movimento criado para si, que se dá conta de sua própria conduta para consigo e com os outros, tomando para si uma postura ética e autônoma, assumindo o controle de si.

Com esse conjunto de reflexões nasce uma possibilidade de constituição de si, denominada de governo de si. Com ela, o cuidado de si cria um campo de seleção de forças capazes de gerar potência com a transformação do sujeito ao tornar-se dono de si. Para Foucault,

uma pessoa que governa a si é capaz de moderar seus afetos e adquire um modo de vida diferente daqueles que vivem escravos de seus prazeres. Ele é primeiramente, então, uma atitude, um sujeito que pode constituir e criar a si próprio através de técnicas de si, no lugar de um sujeito constituído através das variadas técnicas de dominação. Cuidar de si não é renunciar o mundo e sim aproveitá-lo da maneira mais criativa e potente, não é uma obrigação, é um modo de vida que cada um por escolha própria deve se incumbir durante toda sua vida (FOUCAULT, 2010).

O cuidado de si se insere na história do pensamento como essa maneira de se construir uma subjetividade. Sendo assim, vamos delineando algumas formas de examinar como os sujeitos-professores se inscrevem com seus dizeres e como destes emergem questões de suas supostas identidades profissionais. Ter uma docência alfabetizadora atravessada pelo cuidado de si em Foucault torna-se, então, outro modo de ver para esta professora em formação inicial que quer ser alfabetizar. Professora essa que luta consigo mesma para a constituição de atos alfabetizadores abastados de métodos e técnicas recorrentemente utilizados para o ensino de leitura e escrita, tidos como verdadeiros e eficientes.

Com isso, propomos essa escrita parcial que compõe um processo de Iniciação Científica de uma professora em sua formação inicial, que traz como locus a disciplina Estágio Curricular II em Pedagogia, assim como se apoia em estudos teóricos desenvolvidos com o Grupo de Estudos e Pesquisas Vidar em In-Tensões, que está completando três anos de caminhada com o convite a pensar: de que modo(s) a ferramenta foucaultiana do cuidado de si afeta um professorar alfabetizador no processo de estagiar? O objetivo se dá em compreender como se constitui uma docência alfabetizadora atravessada pelo cuidado de si de uma pedagoga em formação inicial. Dessa forma, imergimos no período de Estágio Supervisionado II mobilizando a perspectiva de uma alfabetização pelo viés do cuidado de si na proposta de prática docente nos Anos Iniciais.

### **O fazer metodológico no estagiar: uma perspectiva em alfabetização**

Este trabalho pautou-se na filosofia da diferença, apoiando-se nas ferramentas de Foucault nomeadas como cuidado de si. Para discussão dos acontecimentos formativos que atravessam a escrita sobre a constituição de professora-alfabetizadora, tomamos o acontecimento como uma “irrupção de uma singularidade histórica”, no qual repetimos os eventos sem saber e buscamos uma “ruptura acontecimental” (FOUCAULT *apud* REVEL,

2011, p. 62), para que, então, possa ocorrer a produção de escritas dos acontecimentos nas turmas de alfabetização que configuram (ou não) o cuidado de si durante a disciplina de Estágio Supervisionado II. A escrita dos acontecimentos surge aqui como modo de ocupar-se de si mesmo, ocupar-se consigo mesmo sem afastar-se dos cuidados com nossa própria existência (FOUCAULT, 1985).

Visando essa articulação de estágio supervisionado como um componente curricular obrigatório do curso e os estudos do grupo de pesquisa, entendemos que é chegada a hora de reunir a teoria com a prática, sendo uma possibilidade de construção desse professorar em formação. A turma escolhida para as observações do cotidiano escolar durante o período foi uma de segundo ano de rede pública, a fim de ter contato com a realidade voltada a questões de alfabetização. Considera-se, ainda, que posteriormente atuaria em um plano pedagógico como parte do requisito curricular avaliativo de estágio.

As observações em sala de aula movimentavam sempre o mesmo pensamento, no sentido de que, a cada novo dia vivenciado, as ideias que perpassavam eram do que poderia ser feito diferente do que está sendo observado para uma futura atuação pedagógica. Percebíamos que os conteúdos eram somente transmitidos, sem qualquer preocupação de como isso chegava à criança, desencadeando na sala de aula um clima de desinteresse pela maior parte da turma. O desinteresse provinha da dúvida, que era predominantemente tolhida e/ou confundida por “preguiça” ou “esse aí eu já desisti, não quer aprender” (como a professora falava em tom alto para todos). Quando era solicitada ajuda a uma criança com sua necessidade, na maioria das vezes acontecia no momento da cópia dos exercícios do quadro, na leitura de palavras e, o mais frequente, nas tarefas em sala. Destaca-se que a “ajuda” demandada pela professora regente acontecia no sentido que eu, estagiária, complementasse a cópia da tarefa proposta por ela no quadro aos que ainda não sabiam escrever, na leitura das comandas dos exercícios aos que ainda não tinham aprendido a ler e na resolução das tarefas dessas mesmas crianças.

Nesses momentos, a professora pedia às crianças que realizassem atividades, as quais, tomando como nota particular, eram em sua maioria impressas em uma tentativa de camuflar a própria dificuldade da turma, uma vez que, se todas fossem escritas no quadro, a maioria da turma não conseguiria copiar. Percebemos isso como uma forma encontrada para facilitar o dia a dia, mas não observamos um trabalho frente à necessidade da turma para aquele momento. Nestas atividades, eram distribuídas as folhas, lidas e explicadas repetidamente para depois serem respondidas individualmente. Quanto a isso, a fala da professora era convincente de que a turma era desinteressada e eles não respondiam por preguiça, contudo, ao observar essa

dinâmica, penso que havia pistas de que as questões eram outras: exercícios sem sentido, não análise de sua prática com a língua escrita e distanciamento de práticas de letramento que incluíam as crianças como centro de sua aprendizagem.

Em outros momentos, numa aula de ciências, ocorreu a discussão de como seriam os animais. Houve uma exposição de figuras, de suas características e, a partir disso, a solicitação da escrita de seus referidos nomes. A turma expressou dúvidas quanto a isso, conheciam pouco dos animais expostos, entre os quais citamos “golfinho”, “girafa” e “rinoceronte”. Nossas crianças são da região Norte, essencialmente do estado do Amazonas e nesses lugares a fauna tem suas características e se constitui de biodiversidade rica, mas não contempla os animais apresentados na aula em questão. Frente à dúvida, a professora escreve as palavras no quadro e as crianças copiam, penso que puderam nesse momento ampliar seu vocabulário. Ao mesmo tempo, recordamos o conceito a respeito da alfabetização de Freire (1989) que destaca a necessidade de passar pela apropriação da “palavra Mundo” e esse mundo se referia ao mundo do educando.

Com esse incômodo, o plano de atuação pedagógica passa a se constituir numa tentativa de aproximação com o mundo dessa criança que está em fase de alfabetização, gosta de brincadeiras, de ouvir histórias, de mistério e é do Amazonas. Assim, chegamos ao tema “Lendas Amazônicas” como guia para organização desse plano.

Esse plano foi pensando com a intenção tanto com a intenção de exercer uma docência que tivesse a lenda como elemento regional que apontasse a reflexões acerca de cuidado e preservação ambiental quanto com o exercício do movimento de colocar as crianças como protagonistas. Entre as ações, tivemos: 1. Momento de apresentação do gênero textual lendas; 2. Leitura da lenda O Curupira; 3. Conversa sobre ela; 4. Projeção de vídeo com reconto da lenda; 5. Proposta de elaboração de um reconto e reescrita coletiva sob o tema “Meu encontro com o Curupira em Manaus” e; 6. Apresentação da produção.

Muitos deles conheciam os personagens das lendas locais, mas apresentaram espanto no contato com esse tipo de conhecimento, não compreendiam sua função na escola. Frente a isso, a questão norteadora do plano foi: Como podemos ampliar o conhecimento sobre a literatura folclórica local em relação ao processo de aprendizagem da leitura e escrita? O objetivo para a turma seguiu na ideia de apreciar as lendas amazônicas que fazem parte da cultura local, identificando as personagens, produzindo atividades de (re)leitura e (re)criando suas escritas.

Começamos com algumas perguntas à turma sobre identificação do gênero textual, características das lendas, os objetivos desse tipo de narrativa e as lendas conhecidas.

Destacamos que esses textos são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas e colaboram com uma explicação de fenômenos naturais, misteriosos ou sobrenaturais, misturando fatos, crenças indígenas e imaginário. Feitas as perguntas iniciais sobre o gênero, partimos para um reconhecimento de características regionais e apresentamos imagens de principais personagens: Curupira, Boitatá, Iara e Boto Cor de Rosa, além da contação da lenda “O Curupira”. A interação com a turma seguiu com um diálogo caloroso e empolgante sobre as imagens.

A tarde continuou com a projeção de um vídeo recontando a lenda do Curupira, intitulado “O dia em que encontrei o Curupira na floresta”, que, além das características físicas do personagem, mostra uma situação em que os caçadores são expulsos pois tentam desmatar ou fazer qualquer tipo de extração para além da sobrevivência, tal como destaca a própria lenda local. Esses momentos foram base para uma produção sobre a parte que mais gostaram e, ainda, uma invenção de outra escrita composta por um encontro seu com o Curupira em um lugar de Manaus. Ao final, juntamos as produções, desenhos e produzimos um livro assinado pela turma.

Em síntese, a organização dessa pesquisa em alfabetização se constituiu desse modo, fundada na filosofia da diferença, ressaltando o cuidado de si foucaultiano e trazendo as crianças para o lugar de protagonismo em uma narrativa de uma docência alfabetizadora. Assim, “pensar uma educação na perspectiva da diferença implica fugir de uma ordem binária, na proposição de uma nova discursividade que não assuma uma infância pronta, opondo-se a ideia de “natureza infantil” (CAMÕES, 2019, p. 47). Dessa forma, a arte aliada a processo alfabetizador exerce a função do possível movimento de uma alfabetização de si e do outro entre as infâncias.

### **Acontecimentos da docência alfabetizadora ao viver o processo de estagiar**

Nesse momento, trazemos a narrativa de uma professora que viveu o processo de estagiar em turma de alfabetização, em sua formação inicial. Esse processo não se deu de qualquer modo, foi carregado por um olhar pesquisador, de estudante, que faz leituras, produz fichamentos, discute e busca entender a ferramenta do cuidado de si foucaultiano no grupo de pesquisa. Sendo assim, trazemos inicialmente a relação com esses estudos.

Antecedendo ao estágio, vivemos um processo de aproximação com a pesquisa, no qual nos debruçamos em leituras em que por vezes o sentimento era de confusão com o próprio ato de ler. As palavras saíam do lugar, perdiam o contexto, fazendo, assim, vários recomeços. Nesses momentos, indagações sobre nosso próprio processo de alfabetização e letramento



surgiam, por perpassarem sentimentos de incapacidade de entendimentos teóricos. Ao retomar o grupo de pesquisa, nas discussões, o fazer pesquisa se tornava mais leve, construíamos outras compreensões que nos impulsionaram a estudar mais. Alfabetizar-se é um ato individual e, ao mesmo tempo, coletivo.

Retomamos um pensamento inicial: a alfabetização vai além de saber 26 letras e memorizar os sons que elas produzem? Como um dia pôde ser pensado que era somente isso? Mas, para além, para saber sobre alfabetização, basta apenas estudar os teóricos ditos de referência, como Magda Soares, Emília Ferreiro e Paulo Freire? A ferramenta foucaultiana faz questionar as próprias ações, sendo potente ao professorar, como um exercício de liberdade.

Essa busca de liberdade se compõe em poder estranhar quem somos hoje e nos modificarmos, estranhar essa docência alfabetizadora recorrente e sua desconstrução. O cuidado de si envolve práticas, se constitui em ato, pois o sujeito está sempre em movimento. Ao olhar a alfabetização frente ao cuidado de si foucaultiano, constituímos um limite ético em que não nos ocupamos inteiramente pelas atividades voltadas ao processo alfabetizador, surgindo, assim, uma possibilidade de reflexão de modos outros de alfabetizar.

Aqui, entendemos o cuidado de si como um eu ético, o qual se debruça sobre a relação consigo e os outros, ou seja, uma série de práticas de relação a si e aos outros, entendendo que o sujeito jamais é capaz de se libertar por intermédio de qualquer tipo de vontade individual ou soberana, liberdade criadora essencial ou desejo inconsciente. De acordo com as análises foucaultianas, o cuidado de si reverbera em modos de criação necessariamente sociais e políticos que apontam para o exterior, refletindo especialmente a vida de cada um em relação a outras vidas.

Desde os momentos de estudos individuais e no grupo de pesquisa, nas observações da turma e até a vivência do plano de atuação pedagógica, as indagações perpassaram, as tentativas de (re)criações foram inevitáveis e o (re)pensar de si alinhavou essas questões. Percebemos que nessa formação em Pedagogia e com o estudo do cuidado de si, o trabalho docente de alfabetizar realizado não é de uma simples transmissão de conteúdo, nem de correção e modificação de hábitos enraizados, mas vem se constituindo em ações, movimentos de se conhecer, resistir e reconstruir saberes, especialmente os alfabetizadores.

Ouvir dizeres pessimistas em relação às crianças, como “os alunos são desinteressados”, “esses alunos não sabem nada, não aprendem” e “essa turma é muito preguiçosa”, os quais em diversos momentos nos fizeram questionar: será que quero mesmo ser professora

alfabetizadora? Será que irão aprender em minha docência? Onde me encontro nessas falas sobre alfabetização? Onde está a felicidade em ser professora?

No último Foucault (2010), para alcançar a felicidade (o governo de si) existe um pré-requisito em que é necessário que o sujeito seja livre. Essa liberdade não é o chamado livre-arbítrio, trata-se da liberdade de não ser escravo dos seus próprios prazeres, de modo que o sujeito se relacione consigo mesmo. Liberdade como movimento de perceber o que nos foi ensinado e decidir por aquilo que deixamos e por aquilo que assumimos como nosso. O receio em não nos render ao prazer de reproduzir irrefletidamente falas, práticas, estratégias, métodos de alfabetização é presente. Muitos incômodos, dúvidas, indagações e uma certeza: a docência alfabetizadora não era mais apenas ensinar decodificação de letras, sílabas, nem recitar as 26 letras do alfabeto. E em meio a isso, era necessário estagiar.

O processo de estagiar oportuniza viver e ver muitas coisas nunca vividas e vistas. Vimos a realidade de uma escola de anos iniciais do Ensino Fundamental de uma rede pública, uma turma de 2º ano do período escolar, crianças que não sabiam ler, professores que não queriam ler, em meio a um retorno presencial de uma pandemia e vimos salas de aula de diferentes configurações, mas, principalmente, vimos uma ideia de que tudo isso poderia ser um ambiente revolucionário, modificador e potente para a vida de cada um ali e que algo poderia ser feito.

Nesse movimento de transformação do outro e de si, memórias começam a se formar: o cenário histórico decorrido da COVID-19 (será que disso resultou a não aprendizagem de leitura e escrita dessas crianças?), a leitura foi uma fonte de alegria em diferentes fases da nossa existência (será que não para todos?), na infância adorava participar das aulas, responder uma atividade no quadro, fazer a leitura em voz alta e aquilo impulsionava a querer aprender mais, se ia para a escola com o pensamento de participação e dedicação movimentados para se fazer evoluir, ler cada vez melhor, ter assuntos interessantes para se trazer para a aula e enriquecê-la (será que a evolução faz sentido agora?).

O observar, viver, ver e sentir essa docência alfabetizadora percorria a mente e movimentou a lembrança de uma leitura de Rubem Alves (2004), a saber, o livro “Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação”, o qual traz uma analogia de que a leitura pode soar como um banquete e os livros são os pratos de comidas. Alguns podem ser lindos, colocados separadamente entre uma guarnição e outra, podem ter uma identificação de cada função nutritiva. Outros podem ser colocados como uma verdadeira gororoba, mal temperados, ao ponto que não nos estimula ingerir. O autor nos diz sobre a leitura na vida como uma virtude

gastronômica que requer uma educação de sensibilidade, pois é uma arte de discriminar gostos. Como saber o gosto de ler? Que pratos oferecer para a nutrição e uma boa digestão da leitura? O que motiva e impulsiona, se a leitura é apresentada como uma gororoba? Para a maioria das escolas e dos pais, pouco importa o prazer que o aprendiz possa ter, o que importa é o boletim. O professor tem o papel desafiador de mostrar para a criança, de diferentes formas, o quanto a sala de aula pode se tornar um lugar de magia, de leitura, de escrita, de comidas digeríveis.

Ler é uma fonte nutritiva da vida, escrever é narrar a própria vida em movimento. Como pensar a docência alfabetizadora enquanto professora em formação? Vídeos, músicas, cantigas, poemas, lendas, desenhos, desafios, textos diversos, literaturas e grafismos podem ser possibilidades para o alfabetizar, entretanto, precisam ser vistos de outros modos. Pois, “é preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida afora, não vão ler um livro sequer” (ALVES, 2004, p. 49).

Mais importante ainda do que alfabetizar é o prazer com a leitura, é o sabor, o gosto. É necessário que vire prazer, que vire felicidade (FOUCAULT, 2010). A leitura sendo transformada em música bonita aos ouvidos e prazerosa para quem canta, em comida gostosa para quem come e deleite para quem cozinha. A leitura pode nos dar a capacidade de viajar em diferentes universos, saberes, sabores, tempos e mudanças de vida, de liberdade, de sujeitos que se relacionem consigo mesmos. O movimento de produção de um livro ilustrado na atuação pedagógica fez emergir esse gosto pela leitura, pela escrita e pela docência alfabetizadora.

De acordo com Pagni (2010), a pedagogia demonstra ser uma das artes que aspira governar especificamente a infância, quando a criança é um aspirante a sujeito, ainda não entrou na cultura e o professor tem o papel de governar as crianças, guiando-as dentro dos princípios morais conforme regras sociais. Mas, pela arte pedagógica, precisamos ajustar as lentes, dirigindo o olhar não somente às crianças, mas que olhe para si mesmo (professor), para esse outro que habita em nós e para infância em seu próprio pensamento. Para governar o outro é necessário governar a si mesmo, ao ponto que devemos nos conhecer, nos (re)conhecer no mundo, para nos tornarmos o governo de si (FOUCAULT, 2010). Ao pensar à docência alfabetizadora, nos (re)conhecemos nesse mundo da aprendizagem da leitura e da escrita, e, principalmente, do que/como somos habitados por essas alfabetizações.

Vivendo e revendo o estágio curricular na turma de 2º ano, desde a observação até a atuação pedagógica, percebemos a necessidade de pertencimento das crianças, na sala de aula, na escrita, na leitura, na alfabetização, em sua formação. Sob olhar da infância, percebemos a necessidade de retomar uma temática em especial, as lendas da Amazônia e na atuação

pedagógica e esse saber regional se alinhou ao ensino da leitura e da escrita e foi transformado em um Alfabetiz-Arte.

Na alfabetização com uma reescrita de lendas amazônicas, escrita autoral, ilustração da escrita protagonizadas pela turma, crianças tornaram-se autores e pode-se viver uma docência alfabetizadora. Em nossa compreensão, ela continua a nos movimentar “porque vem acompanhada de interrogações que trazem em si a velha questão do quem eu sou e como posso ser outro” (SCHERER, 2010, p. 107).

### **Reflexões sobre uma docência alfabetizadora e o cuidado de si**

A docência alfabetizadora constituída pelo cuidado de si é uma trajetória possível entre outras tantas. A potência do processo formativo vivenciado não estava predita na partida. Mas parece que há uma necessidade de o pesquisador ter clareza (antecipada) de onde chegará com seu objeto de pesquisa, subtraindo riscos do inesperado, desviando dos ‘acidentes’ de percurso sempre em busca de certezas que nos conduzam à “verdade verdadeira” (CHAVES, 2014, p. 112). Contudo, aqueles que já sabem o que procuram, acabam muitas vezes encontrando apenas o que queriam.

As discussões propostas nesse trabalho sobre uma fronteira tão demarcada do conceito de alfabetização e das possíveis vivências do estágio (e dos efeitos da relação teoria e prática) colocam em xeque um caminho sem desvios ao assumir rotas alternativas e múltiplos pontos de chegada. Mas como fazer isso? “Como nos tornamos fortes para explodir as formas como lemos, compreendemos, pensamos? Ao modo do trabalho foucaultiano, desfocando os olhos das coisas vistas e elevando-os até as visibilidades de uma época; bem como, deslocando-os da moradia confortável das palavras e frases, para chegar aos enunciados” (CORAZZA, 2002, p. 119).

Desse modo, as problematizações empreendidas nos permitiram olhar a alfabetização por meio do cuidado de si e delinear uma possibilidade de se constituir um professorar alfabetizador inventivo que elege o estranho, o incomum e o duvidoso como elementos necessários para desestabilizar as certezas construídas no campo educacional sobre o processo alfabetizador, tão preenchido por receitas, métodos, caminhos validados não pela singularidade dos sujeitos envolvidos, mas meramente pelo resultado quantitativo de quantos foram alfabetizados.

Ao ver os processos de produção artística das crianças (a pintura, o desenho e a reformulação da história), percebemos que eles (re)criam sua suposta identidade em outras constituições identitárias, ressaltam suas singularidades e multiplicidades. Cabe ao docente o papel de mediação, no apoio a esse processo de formação ética e estética, nesse caso, da leitura e escrita.

O cuidado de si se insere como ato criativo, como forma de governo que compõe nossas reflexões de uma docência alfabetizadora em formação inicial, bem como considerando-o um ato de experiência que mobiliza e é constante deslocamento e significação, pois “uma experiência que, segundo Skiliar, não se estrutura e nem se faz explicativa, não é duradoura, tampouco apaziguadora e, nesse processo em que desobedece e é desobedecida, abre brecha para a produção de um sentido” (CAMÕES, 2019, p. 89). Assim, a docência se alfabetiza a si e a outros no decorrer da vida.

Pensar alfabetização com essa turma, desde a observação à criação como docente em (trans)formação, com seus modos de viver e ver, entendemos que os processos na infância podem ser retomados como forma de constituição nessa docência alfabetizadora com o cuidado de si, pois, em um encontro com a experiência do outro, se aprende mais sobre si mesmo e essa aprendizagem com as crianças em fase de alfabetização mostra que o desenvolvimento docente é movimento.

Diante da narrativa nesse artigo, registra-se que uma docência alfabetizadora se constitui como um processo de construção iniciado ao entrar na Universidade, perpassando as experiências do curso, no grupo de estudo e projeto de Iniciação Científica, e nas vivências no estagiar, fortemente impactada pelo contato com a turma, com as crianças, nessa dinâmica de (re)criação dessa aprendizagem da leitura e escrita por meio do desenvolvimento do plano de atuação pedagógica. Uma docência que se configura como uma escritura que se preenche “dos rastros a serem perseguidos como sinais e frestas de subjetividades, de liberdade humana, de censuras entre um poder-ser e um poder-não-ser” (SCHERER, 2010, p. 119).

Uma docência alfabetizadora alinhada à criação nos possibilita multiplicar os sentidos do que é aprender a ler e escrever. O nosso interesse foi tornar visível e concreto um estranhamento sobre o que já aprendemos e fazemos ao alfabetizar as crianças. Desconfiar das supostas verdades e modos corretos de como fazê-lo e acolher a ideia de que toda leitura e escrita é sempre uma ação que se dá em dois sentidos: de fora para dentro e de dentro para fora.

Toda leitura/escrita é inscrição de si, escrita de si, mesmo que o gênero textual exija, por convenções, um (im)possível afastamento, uma proclamada objetividade. Os processos

alfabetizadores, os textos, os métodos e as atividades carregam em si traços daqueles que os propõe. Nos inscrevemos naquilo que produzimos e ensinamos. O convite é passar do ato de repetição a momentos de criação e a cada momento recriar essa docência alfabetizadora.

### Referências

- ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo: Loyola, 2004.
- CAMÕES, M. C. L. S. **O currículo como um projeto de infância**: afinal o que as crianças têm a dizer? 2019. 194f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- CHAVES, S. N. **Reencantar a ciência e reinventar a docência**. São Paulo: Editora da Física, 2014.
- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. *In*: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p 105-131.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2011.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. O cuidado de si. *In*: **História da sexualidade, vol. 2**, Rio de Janeiro: Graal, 1985 p 9-231.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- PAGNI, P. Infância, arte de governo pedagógica e cuidado de Si. *In*: **Educação e realidade**. Porto Alegre. v. 135, n. 3, p. 99-123, set-dez, 2010.
- REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- SCHERER, A. E. A escrit(ur)a de si: uma história do sujeito pela alteridade. *In*: ECKERT-H., B. M; CORACINI, M. J. R. F. (org.). **Escrt(ur)a de si e alteridade**: espaço papel-tela. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p 105-131.
- SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p 5-17, jan./abr. 2004.

### Sobre as autoras

**Ana Maria Xavier da Silva Neta**: Graduanda pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. bolsista pela FAPEAM no projeto de iniciação científica PAIC. Estudante do Vidar em In-tensões.  
E-mail: amxdsn.ped19@uea.edu.br

**Monica Silva Aikawa:** Professora da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Licenciada em Pedagogia pela UNINORTE, Mestre em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas, Pesquisadora do Vidar em In-Tensões.

*E-mail:* maikawa@uea.edu.br

**Mônica de Oliveira Costa:** Professora da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Doutora em Educação em Ciências na Amazônia pela Rede Amazônica em Educação em Ciências e Matemática – REAMEC, Pesquisadora do Vidar em In-Tensões.

*E-mail:* mdcosta@uea.edu.br

**Caroline Barroncas de Oliveira:** Professora da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Licenciada em Normal Superior pela mesma Universidade, Doutora em Educação em Ciências na Amazônia pela Rede Amazônica em Educação em Ciências e Matemática – REAMEC, Pesquisadora do Vidar em In-Tensões.

*E-mail:* cboliveira@uea.edu.br